

# CHARQUEADA SANTA THEREZA: HISTÓRIA, PROPRIETÁRIO, ESTRUTURAS E VIDA CULTURAL

**Fernanda Codevilla Soares<sup>1</sup>, Graziela Toledo Tebald<sup>2</sup>, Saul Eduardo Seiguer Milder<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>UFSM / MILA, Rodovia Jornalista Manoel Menezes 634, casa 2, Bairro Lagoa da Conceição, Florianópolis – SC, CEP: 88061-700, [codevilla2005@hotmail.com](mailto:codevilla2005@hotmail.com)

<sup>2</sup> UFSM / LEPA, Marechal Floriano Peixoto, 1184, Bairro Centro, Santa Maria – RS, CEP: 97015-372, [grasielatoledo@hotmail.com](mailto:grasielatoledo@hotmail.com)

<sup>3</sup>UFSM / LEPA / MILA, Marechal Floriano Peixoto, 1184, Bairro Centro, Santa Maria – RS, CEP: 97015-372, [milderbr@yahoo.com.br](mailto:milderbr@yahoo.com.br)

**Resumo-** Este trabalho tem por objetivo analisar a vida saladeril riograndense em fins do século XIX e princípios do século XX. A Charqueada Santa Thereza, fundada no município de Bagé em 1897, é o objeto de estudo deste trabalho. As charqueadas deste período são dotadas de uma série de características que as diferenciam das charqueadas escravistas gaúchas, entre estas, podemos citar: mão-de-obra assalariada, trabalho em série, utilização de maquinário no processo de fabricação do charque, produção diversificada (outros produtos além do charque) etc. As fontes utilizadas no trabalho foram: jornais de época, cartas do Visconde (proprietário da charqueada) ao Governador Borges de Medeiros, fotos antigas da charqueada e as ruínas do complexo urbano e industrial edificado no entorno da mesma. O trabalho pretende um novo olhar sobre o tema, já que utiliza as ruínas da charqueada como fontes da pesquisa histórica.

**Palavras-chave:** história, charqueada, ruínas, jornais.

**Área do Conhecimento:** ciências humanas

## Introdução

A Charqueada Santa Thereza foi fundada no ano de 1897, seu proprietário foi o português Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães.

Esse artigo pretende contar a história dessa charqueada, analisada como um estabelecimento moderno de fabricação de charque, localizado no município de Bagé - RS, importante pólo saladeril rio-grandense entre fins do XIX e princípio do XX.

Tal artigo faz parte de um capítulo da dissertação de Mestrado Santa Thereza: um estudo sobre as charqueadas da Fronteira Brasil – Uruguai, defendida no MILA (Mestrado de Integração Latino Americano) da UFSM.

A pesquisa foi realizada junto ao Arquivo Público Municipal de Bagé, coordenado pelo prf. Ms Cláudio Antunes Boucinhas.

O trabalho pretende um “novo olhar” sobre o tema, já que utiliza as ruínas da Charqueada Santa Thereza como fontes para a pesquisa histórica.

PESAVENTO (2001) afirma que o historiador “se dispõem a fazer as coisas falarem”, logo, as estruturas remanescentes (ruínas) das charqueadas podem ser caracterizadas como representações de uma época, carregada de significados a serem identificados pelo historiador.

Segundo a autora, tudo pode vir a tornar-se fonte ou documento para a História, dependendo da pergunta que seja formulada.

Assim, a utilização das ruínas da charqueada como fontes de documentação justifica-se pelo

fato de ser tratada como uma fonte material histórica carregada de representações de uma época, dispostas a serem interpretadas de acordo com os objetivos da pesquisa.

Além das ruínas, o trabalho contou com documentos do proprietário da charqueada (correspondências do Visconde português Ribeiro de Magalhães ao Governador Borges de Medeiros), reportagens de jornais da época, registros de imóveis, inventários e fotos antigas da Charqueada Santa Thereza.

O objetivo principal do trabalho é descrever a história dessa moderna fábrica de charque fundada na fronteira entre Brasil e Uruguai, enfatizando a relevância patrimonial desse complexo histórico.

## Material e Métodos

O complexo urbano e industrial edificado no entorno da Charqueada Santa Therza era formado por: vila de operários, palacete do proprietário, capela, coreto, teatro, padaria, avenidas arborizadas, indústria de derivados, quinta, lagos artificiais, serralheria, alfaiataria, mecânica, almoxarifado, ferraria, quadra de tênis, fábrica de tonéis, olaria, coreto, fábrica de mosaicos, fábrica de adubos, carpintaria, restaurante popular, Colégio (com mais de 60 alunos) etc.

Algumas das estruturas remanescentes desse complexo foram identificadas durante visitas ao local, às mesmas serão descritas a seguir com o

objetivo de contar um pouco mais sobre a vida dessa indústria de charque de Bagé.

Os métodos de trabalho foram: caminhamentos no Bairro, identificação das estruturas visíveis, registro fotográfico, pesquisa em arquivos e em bibliografia.

## Resultados

As estruturas remanescentes desse complexo urbano e industrial analisados nesse artigo são: a avenida, o palacete, a vila dos operários e o armazém.



Figura 2: Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães.

A Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães foi inaugurada em 1915, possui quatro quilômetros de extensão e vinte metros de largura. Foram plantados mil e trezentos eucaliptos nas bordas da avenida, com a distância de seis metros entre si.

A inauguração da Avenida foi documentada pelos jornais “O Dever” e “Correio do Sul”, que relatam a presença dos filhos e netos do Visconde de Ribeiro Magalhães, além de algumas autoridades do município de Bagé.

No momento da inauguração, os filhos, os netos e as autoridades fizeram a simbólica plantação das árvores ao longo da Avenida Visconde de Magalhães.

As avenidas largas e arborizadas podem ser consideradas como um símbolo do cosmopolitismo da época, na qual ocorre a importação dos estilos das avenidas francesas (conhecidos como Boulevard) para os padrões nacionais.

Os Boulevard’s franceses caracterizam-se por avenidas largas que possuíam o objetivo de higienizar os guetos parisienses: ajudam a circular o ar nos apertados espaços urbanos de Paris, assim como, facilitam o transporte de tropas entre eles.

As avenidas largas e arborizadas do Brasil possuem o poder de monumentalizar o espaço urbano, assim como, passar a idéia de “progresso” e “modernidade” para a sociedade da época.

O Palacete foi construído em um local privilegiado de Santa Thereza, dele é possível observar todo o Complexo construído no entorno da charqueada, já que situado em uma área afastada e de relevo mais elevado que as demais.

A foto mais antiga do Palacete foi recolhida do acervo de fotos de Irecê Moglia. Na foto é possível perceber que a parte superior do mesmo

não era compacta e se restringia a uma sala ou quarto com varandas.

O Palacete foi construído em um local privilegiado de Santa Thereza, dele é possível observar todo o Complexo construído no entorno da charqueada, já que situado em uma área afastada e de relevo mais elevado que as demais.



Figura 4 – Foto do Palacete do Visconde e Foto do Coreto.

O estilo arquitetônico do Palacete chama atenção. Segundo informações do arquiteto Alberto Brilhante Wolle, o mesmo pode ser classificado no estilo eclético, devido aos excessivos ornamentos utilizados na fachada.

FABRIS(1993) lembra que a arquitetura eclética faz parte do cenário moderno no Brasil, feita por um “encomendante, em geral novo rico, despido de qualquer laço daquela cultura aristocrática do século anterior”.

Segundo o autor, essa é a arquitetura da sociedade industrial. Nela é possível observar valores do passado adaptado às exigências contemporâneas. Caracteriza-se como uma arquitetura “poliestilística”, já que, permite experimentar e usar novos materiais associados a antigos.

A elite brasileira desse período reproduz nas suas residências, os tipos e modelos admirados na Europa, em um nítido “desejo de ser estrangeiro” e numa típica “sede de cosmopolitismo”.

O autor afirma que o eclético faz do Brasil, “um país mestiço que se sonha branco”, o gosto pelo “pitoresco” acentua a “sensação de viver fora do Brasil”. Mesmo as edificações estruturalmente mais simples possuem detalhes decorativos que as fazem estarem em sintonia com o movimento eclético.

As características arquitetônicas do Palacete do Visconde representam muitos elementos descritos sobre esse personagem, principalmente, a necessidades de ostentação, requinte e luxo.

Atualmente, o Palacete restringe-se a um amontoado de ruínas, destruído pelo descaso e depredação do patrimônio nacional. A riqueza histórica e arquitetônica do mesmo passa despercebida pela comunidade local, política e científica.

Em frente à Mansão dos Magalhães existia um grande jardim, o mesmo se estendia até uma ilha construída sobre um lago artificial. No centro da Ilha, se encontrava o Coreto.

No lago artificial existiam peixes de variadas cores e no Coreto, bandas musicais costumavam fazer apresentações artísticas. Existia, inclusive, uma banda composta por operários da Charqueada, denominada de “Lira Santa Thereza”, a qual fazia suas apresentações no Coreto e no teatro do local.



Figura 1 – Desenho do Teatro Santo Antonio e da Capela Santa Thereza, digitalizada do acervo de Irecê Moglia e Foto das reminiscências do Teatro Santo Antonio.

A imagem acima foi desenhada por Edmundo Castilhos Rodrigues e encomendada por Sólton Sastre que enviou uma foto do Teatro Santo Antônio e da Capela Santa Thereza para ser retratada pelo artista.

O Teatro Santo Antônio foi construído no início do século XX pelo Visconde de Ribeiro Magalhães, possuía seis camarins, dezessete camarotes, cinquenta cadeiras, gerais, mesa de bilhar, bilheteria, copa, piano e teto com medalhões de Carlos Gomes, Donizzetti, Bellini, Auber, Ariza, Gounod, Puccini, Frnchetti, Verdi, Marchetti, Feiullet, Barrou e Chopin. Havia um grupo de Arte Dramática, constituídas pelos operários da charqueada.

Quando a Viscondessa faleceu o Teatro Santo Antonio foi doado para a municipalidade de Bagé, com o objetivo de que ali fosse instalada uma escola. Entretanto, devido ao descaso e destruição, o Teatro desapareceu, resumindo-se, hoje em dia, a uma base de tijolos pouco perceptível para quem visita o Bairro Santa Thereza em Bagé.



Figura 2 - Foto da Vila dos operários. Conjunto de casas localizados em frente a charqueada e Foto do Armazém de Silvério de Souza.

A Vila Santa Thereza comportava cerca de mil pessoas. As casas eram construídas “de material” (alvenaria) e alugadas para os trabalhadores da charqueada. Possuía luz elétrica e um “moderno sistema de iluminação com gás acetileno. Um

dinamo elétrico fornecia energia” ao local. Conforme o jornal O Comércio, havia aproximadamente 1500 lâmpadas em toda a vila.

A vila possui três conjuntos de casas: o primeiro localizado em frente à charqueada Santa Thereza (indústria de charque), o segundo próximo à Indústria de Derivados e o terceiro em frente à Charqueada Industrial (todas eram propriedades do Visconde).

Conforme PESAVENTO (1988) construir casas para os trabalhadores próximas à empresa era uma das “formas de dominação do capital e disciplinarização do trabalho”.

Segundo a autora: “o aluguel, no caso, representava uma das muitas formas de fazer retornar ao capital o salário pago ao empregado”. Além disso, a proximidade das moradias ao ambiente de trabalho facilitava o controle dos horários e dos hábitos da mão-de-obra usada na fábrica.

O Armazém de Silvério Olivério de Souza localiza-se no conjunto de casas localizados em frente a fábrica de charque.

Ao lado da área destinada ao comércio (perceptível na foto pelas três portas de acesso do Armazém) está germinada a casa do proprietário do estabelecimento, similar às casas dos trabalhadores.

PESAVENTO (1988) afirma que era muito comum a existência de mercados e armazéns nos estabelecimentos fabris surgidos em fins do século XIX e início do século XX no Rio Grande do Sul.

Segundo a autora, neles ficava grande parte do salário recebido pelos funcionários: “Em tais ‘armazéns’, o operário retirava o necessário para o seu sustento, através da ‘caderneta’, pouco restando para receber no fim do mês em salário monetário”.

Atualmente, o Armazém de Silvério dos Reis restringe-se a ruínas, assim como a maioria das estruturas remanescentes do que foi a antiga Charqueada Santa Thereza.

## Discussão

A maioria dos estudos sobre charqueadas rio-grandenses refere-se aos estabelecimentos encontrados na cidade de Pelotas e cuja mão-de-obra foi o trabalhador escravo.

Entre estes estudos, podemos citar: CARDOSO (1977), CORSETTI (1983) e GUTIERREZ (2001).

Entre os autores que se referem às charqueadas de fins do século XIX percebemos que a tendência foi incluí-las em uma perspectiva estrutural, relacionadas, ou ao contexto geral do ciclo do charque rio-grandense (como é o caso de MARQUES, 1987, 1988, 1992), ou ao contexto de industrialização regional (PESAVENTO, 1980, 1982).

Em relação a esses trabalhos já realizados, a problemática desta pesquisa apresenta-se inovadora pelo fato de aprofundar os conhecimentos sobre as charqueadas dessa época, captando as singularidades desses estabelecimentos (relações assalariadas, utilização de maquinário moderno, importação de condutas sociais europeizantes, relações com o comércio platino etc) como características que marcaram um período de transformações culturais e econômicas no espaço da fronteira do Rio Grande do Sul.

## Conclusão

A maior parte da historiografia produzida sobre as charqueadas gaúchas foi elaborada privilegiando as charqueadas escravistas, fundadas no município de Pelotas e Rio Grande.

Nessas pesquisas, as charqueadas gaúchas eram consideradas como estabelecimentos tradicionais e obsoletos de fabricação de charque, inseridas num regime de desperdício cujo proprietário possuía uma mentalidade senhorial e reacionária, tendo em vista a herança escravista.

Entretanto, pesquisas mais recentes demonstram que as charqueadas gaúchas localizadas na fronteira Brasil – Uruguai eram movidas por técnicas modernas de fabrico de charque, máquinas e raças de gado importadas.

Além disso, trabalhavam com mão-de-obra assalariada e recebiam severas fiscalizações no que se refere à higiene e saúde do animal.

Os charqueadores fronteiriços não sobreviviam apenas do charque em si. Do boi era aproveitado a língua, os ossos, o pelo, o rabo etc. Além das indústrias de derivados, possuíam olarias, serralhas e outras fábricas que poderiam funcionar no período de entressafra, tornando produtiva a vida dos operários mesmo quando o charque não estava sendo preparado.

No caso da charqueada Santa Thereza, foi possível observar que no seu entorno foi construído um amplo complexo urbano e industrial, composto por vila de operários, indústrias, igreja, teatro, hospital, quadra de tênis, serralhar, olaria, indústria de línguas etc.

Seu proprietário, o português Antônio Nunes de Ribeiro de Magalhães, adicionou luxo e requinte na vida rústica da fronteira. O Palacete dos Magalhães e a vida cultural do mesmo, registradas em jornais, representam o prestígio social desse personagem.

Dessa forma, a pesquisa desenvolvida pretendeu chamar atenção para esse período da história do Rio Grande do Sul, apontando um novo olhar sobre esse tema, utilizando-se, ainda, das estruturas arquitetônicas da charqueada Santa Thereza para contar a história dessa moderna fábrica de charque.

Nesse sentido, vale chamar a atenção para a importância patrimonial desse complexo histórico, resumido, nos dias atuais, a um conjunto de ruínas abandonadas ao descaso e à depredação.

São Thereza é um bem cultural, tendo em vista seu legado histórico e sua proeminência estrutural. A preservação deste bem é tarefa e dívida da comunidade com as novas gerações de bageenses.

## Referências bibliográficas

- BOUCINHAS, Cláudio Antunes. **A história das charqueadas de Bagé (1891-1940) na literatura.** Dissertação (Mestrado em história) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional.** O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- CORSETTI, Berenice. **Estudo da charqueada escravista gaúcha no século XIX.** Dissertação (Mestrado História). – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1983.
- FABRIS, Annaterra. **Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. Anais do Museu Paulista.** n.1. São Paulo: MAE, 1993.
- GUTIERREZ, Éster J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** 2 ed. Pelotas: UFPEL, 2001.
- LEITE, José Antonio Mazza. **“Xarqueadas” de Danúbio Gonçalves: um resgate para a história.** Pelotas: Ed. Universitária/ UFPEL, 2004.
- LIEMESZEK, Cláudio Leão. **Bagé. Relatos de sua história.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- MARQUES, Alvarino Fontoura. **Episódios de ciclo do charque.** Porto Alegre: Edigal, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Evolução das charqueadas rio-grandenses.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A economia do charque.** Culinária do charque. O charque nas artes. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República velha gaúcha: charqueadores, frigoríficos e criadores.** Porto Alegre: Movimento, 1980.
- \_\_\_\_\_. **A Burguesia gaúcha.** Dominação do capital e disciplina do trabalho. RS 1889-1930. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- \_\_\_\_\_. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autentica, 2003.
- PIMENTEL, Fortunato. **Charqueadas & Frigoríficos.** Aspectos Gerais da Indústria Pastoral do Rio Grande do Sul. [S.l.:s.n.]
- FAGUNDES, Elizabeth Macedo. **Vila de Santa Thereza.** [S.l: S. N], 1999.